

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## MATERNIDADE SOLO LIVRO-REPORTAGEM

**POR : JULIANA HELENA DOS SANTOS**

GOIÂNIA 2022

1



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## MATERNIDADE SOLO LIVRO-REPORTAGEM

Apresentação do Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo, Livro reportagem: “Entre Vistas” sobre a Maternidade Solo na Sociedade Brasileira Pós-moderna, sob a supervisão da professora Carol Goos.

GOIÂNIA 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MATERNIDADE SOLO LIVRO-REPORTAGEM

## Trabalho de Conclusão de curso apresentado em: 16/12/2022

**Resultado:**

## Banca examinadora:

**Professora mestra Maria Carolina Goos**

Orientadora

**Professora mestra Sabrina de Morais**

Examinadora convidada

**Professora mestra Emanuelle de Lara Siqueira Jacob**

Examinador convidada

Dedico este trabalho à minha mãe. Inspiração para a escolha do meu tema. Que provou o quanto uma mulher pode, mas não deve ser mãe solo. Que me criou tão bem e que me proporcionou estar aqui

## Agradecimentos

Para que esse trabalho pudesse existir hoje, agradeço às minhas famílias de sangue e coração pelos incentivos; aos professores que tive em minha vida acadêmica, do jardim de infância até minha querida orientadora, pelos estímulos; à Franciele Nunes, Heloisa Reinaldo, Maurina Brito, Silvana Monteiro, Tatiele Escobar, Thálitha Miranda e Vitória Hully. Minha caminhada pela universidade teria sido muito mais árdua sem o apoio de cada um de vocês. Muito, muito, muito obrigada por tudo.

## Observação importante

Este trabalho foi realizado por uma pessoa com deficiência visual que precisou ir além de seus limites físicos e psicoemocionais para se ajustar às normas de uma grade didática-curricular que se revelou não estar preocupada com à acessibilidade em suas exigências finamente elaboradas para pessoas que não têm deficiência alguma. Entretanto, não é a pessoa com deficiência que deve se ajustar à normas didáticas-curriculares das instituições e ABNT, são elas que devem se ajustar às necessidades especificas de PCDs.

*Guerreiras não!*

*SO-BRE-CAR-RE-GA-DAS.*

**SUMÁRIO**

[RESUMO](#_bookmark0) 9

1. [OBJETIVOS](#_bookmark1) 10
	1. [Objetivo Geral](#_bookmark2) 10
	2. [Objetivos Específicos](#_bookmark3) 10
2. [JUSTIFICATIVA](#_bookmark4) 11
3. [REFERENCIAL TEÓRICO](#_bookmark5) 12

[3.1. Introdução ao conceito social de maternidade solo](#_bookmark6) 12

* 1. [O que é livro-reportagem](#_bookmark7) 13
	2. [O livro-reportagem no Brasil](#_bookmark8) 13
	3. [O livro-reportagem, a maternidade solo e o conceito social de família](#_bookmark9) 15
	4. [A maternidade solo e os direitos das mulheres](#_bookmark10) 18
	5. [A maternidade solo e o aumento dos riscos de doenças físicas e psicoemocionais](#_bookmark11) 19
	6. [A maternidade solo e a dificuldades no mercado de trabalho](#_bookmark12) 20
	7. [A maternidade solo e exclusão em atividades culturais e de lazer](#_bookmark13) 20
1. [DELINEAMENTO DO PRODUTO](#_bookmark14) 21
	1. [Formato](#_bookmark15) 21
	2. [Produto](#_bookmark16) 21
	3. [Público-alvo](#_bookmark17) 21
	4. [Viabilidade e veiculação](#_bookmark18) 21
	5. [Orçamento](#_bookmark19) 21
	6. [Linguagem e gêneros textuais](#_bookmark20) 21
	7. [Processos de criação e edição dos materiais](#_bookmark21) 21
	8. [Design](#_bookmark22) 22
	9. [Diário de Produção](#_bookmark23) 22
2. [CONSIDERAÇÕES FINAIS](#_bookmark24) 23

[REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS](#_bookmark25) 24

# RESUMO

Este trabalho é a apresentação do livro-reportagem: *“****Entre Vistas” sobre a maternidade solo na sociedade brasileira pós-moderna*** e tem como proposta apresentar histórias e relatos, por meio de textos perfis, entrevistas e dados disponíveis, de oito mães que criaram, e/ou criam, seus filhos sem a presença efetiva de seus pais genitores.

A escolha do tema se deu a partir de minha própria experiência como filha de uma mãe solo, uma mulher preta, de baixa renda e que para me proporcionar acessos, lutou e ainda luta como empregada doméstica, não porque não possui qualificações para atuar em outras áreas, mas, sobretudo, para ter mais flexibilidade para acompanhar às minhas necessidades específicas como pessoa com deficiênciavisual.

Foi observando essa mulher superlativa a quem eu fui ensinada a chamar de mãe, uma mulher que bravamente tem se mantido firme na condução da maternidade solo, que eu passei a me interessar por todas as alegrias e complexidades do ser enquanto mulher em seu ofício de maternar sem o apoio social, psicoemocional, afetivo, presencial e, na maioria das vezes, até mesmo financeiro, do pai da criança.

Vale lembrar que este trabalho não quer, de maneira alguma, fazer algum tipo de juízo de caráter sobre quem cria um filho sozinha ou sobre quem também não exerce essa função. Neste caso, as técnicas jornalísticas que tenho aprendido durante a graduação e agora vou desenvolver mais a fundo, vão servir como ferramentas de fala ou dar ainda mais potência para quem está jogando luz no assunto e seus derivados.

Eu ainda não sou mãe, mas acredito que a maternagem pode ser uma experiência incrível, independente da maneira que acontecer, e são as histórias por trás dessas maneiras de maternar, de como ocorreu, que quero escutar e ser capaz de transmitir para quem se propuser a ler esse livro e refletir com as narrativas nele presentes. A cada relato, uma oportunidade de nos tonarmos um pouco mais humanos.

**Palavras-chave:** Mãe solo. Maternidade solo. Mãe solteira. Maternidade. Abandono Paterno. Sobrecarga feminina.

## OBJETIVOS

## Objetivo Geral

Apresentar histórias e relatos de mães solo por meio de textos perfis, entrevistas e dados disponíveis sobre o assunto.

## Objetivos Específicos

✔ Desmistificar a fantasia da maternidade solo e a associação desta condição à fantasia de mulher guerreira;

✔ Mostrar os detalhes do dia a dia de mães solo e quais são suas dificuldades e desafios;

✔ Comentar sobre o preconceito que mulheres mães solo sofrem perante a sociedade ao precisarem explicar ou lutar por espaços pelo simples fato de serem mães sem um relacionamento conjugal;

✔Pontuar as obrigações paternas de um homem perante seus filhos;

✔ Por meio de textos perfis e entrevistas, relatar a história de mulheres distintas que exercem a maternidade solo. Mulheres que não necessariamente possuem a mesma condição econômica, a mesma raça, a mesma quantidade de crias ou que cumprem essa função por conta de circunstâncias mais fortes e que não estiveram sob seu poder de decisão;

✔ Trazer, de acordo com a visão de autores da área jornalística, o conceito de livro-reportagem e sua função de jogar luz sobre temas mais densos. Temas, estes, não abordados pela grande mídia e pela imprensa tradicional, em função do grande volume de informações que o jornalismo precisa dar conta no dia-a-dia.

## JUSTIFICATIVA

Felizmente na pós-modernidade podemos encontrar inúmeras publicações acerca do que ‘ser mãe’, bem como suas alegrias, desafios, honras, estigmas, sacrifícios e dissabores. O que mais se encontra são livros de autoajuda no tradicional ‘modo de fazer’ e toda aquela romantização e divinização de dar nos nervos; há também biografias relevantes e desabafos espetaculares.

Sabe o que quase não se vê? Livros-reportagem. Livros de entrevistas que dão voz às mães solo reais. Àquelas que sofrem preconceito por serem mães e não possuírem uma relação conjugal com o pai da criança; àquelas que cuidam de seu bem mais precioso sozinha; àquelas que inventam ‘histórias plausíveis’ quando os filhos perguntam pelo pai; àquelas que trabalham de dia, de tarde, de noite para educar seus filhos e ainda são estigmatizada negativamente pela sociedade.

Por isso, a principal motivação para se produzir um livro-reportagem é a necessidade de desenvolver o conhecimento e desmistificar a fantasia de mulher guerreira que a sociedade pós-moderna estabeleceu sobre a realidade das mães solo, trazendo questionamentos do que significa ser mãe; como se exerce essa função; por que as mulheres são mais cobradas do que homens em relação à educação dos filhos; o que uma criança enfrenta a partir do abandono ou da ausência paterna; como a sociedade pode se envolver nessa questão e atuar como rede de apoio para quem precisa?

Se estas questões puderem ao menos serem pautadas num debate, o objetivo geral deste trabalho será alcançado. Se o maior número de pessoas possível que for alcançado por este trabalho se mostrar mais empática, interessada e justa quanto à realidade da mãe solo, então a necessidade gritante da publicação e a função social do livro estarão sanadas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

## 3.1. Introdução ao conceito social de maternidade solo

Imagine que você é uma mulher solteira, atraente e talentosa de 35 anos que está ansiosa para ter um filho. Existem opções disponíveis: você pode procurar adoção, um doador de esperma, ou continuar deslizando na esperança de encontrar o parceiro ideal.

Esse é o roteiro de "A procura de um pai perfeito" um reality show apresentado pela Fox, onde 15 homens se candidatam a doar o esperma para uma produção independente de mulher. Esta, a cada episódio elimina um dos candidatos até que só reste o "pai perfeito" para o seu futuro filho.

É claro que se uma mulher, por livre arbítrio, desejar e colocar em prática todo o processo de ter e criar um filho sozinha, encontrará inúmeros obstáculos pelo seu caminho, deles e talvez os mais difíceis, são os estigmas sociais de que “mãe solo (vulgo mãe solteira) é a mulher largada do marido” e “ao surgir a mãe, a mulher deve desexistir”.

“Mãe Solo” é o tema desta obra. Entretanto não estamos falando de uma maternidade solo por livre arbítrio, mas, em sua grande maioria, de uma maternidade solo imposta pela ausência de apoio em detrimento dos sonhos individuais do ser enquanto mulher.

Conforme elucida um dos dicionários on-line de português, maternidade é um substantivo feminino e significa: “*Estado, qualidade de ser mãe. Laço que liga a mãe aos filhos. Ação de pôr uma criança no mundo. Estabelecimento hospitalar onde se fazem partos”.* De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem cerca de 11 milhões de mães solo no Brasil, a maioria chefes de famílias periféricas.

Em um cenário geral, é também o tema da minha vida, não como mãe, mas como filha. Uma realidade nacional mais comum do que eu gostaria que fosse. É uma pauta necessária. Mãe solo não é guerreira, é sobrecarregada, é um tema e um indivíduo que não desempenha seu papel por direito.

## O que é livro-reportagem

O processo de produção do livro-reportagem é bem semelhante aos dos demais produtos jornalísticos, após a seleção do tema (pauta), precisa haver uma análise dos critérios de noticiabilidade, pontuando a importância do material para a sociedade e logo depois a apuração com reunião de entrevistas, observação e pesquisas. Em seguida, temos a construção do material, a edição e enfim a veiculação.

O livro-reportagem é a mistura entre o jornalismo e a literatura, é um jeito diferente de abordar situações cotidianas e fatos importantes, tanto históricos quanto atuais. A linguagem que deve ser utilizada também possui uma “licença poética”, misturando a terceira e a primeira pessoa, permite que o autor inclua sua opinião em meio aos fatos, ou até mesmo crie ou conte uma situação literária que tenha imaginado ou vivido.

Registro históricos apontam que essa relação entre o Jornalismo e a Literatura começou na Europa, com destaque para o jornalismo francês, o qual conseguia colocar marcas literárias na construção do texto jornalístico. Essa característica, por outro lado, não era identificada no jornalismo norte-americano, que seguia uma estrutura rígida, focado no desenvolvimento da ideia, do debate e da crítica.

O jornalismo francês privilegiava a leitura e a escrita, via a importância de cativar o seu leitor e explorou o lado requintado da boa escrita de seus profissionais, imprimindo tudo isso nos jornais e casando o Jornalismo com a Literatura.

## O livro-reportagem no Brasil

No Brasil, a primeira vez em que a literatura foi encontrada em meio ao jornalismo foi há mais tempo do que a maioria das pessoas pensam. Euclides da Cunha, ensaísta, engenheiro militar, jornalista e historiador, nascido em janeiro de 1866, ao partir em direção a Canudos1 para documentar a guerra como então jornalista de O Estado de S.Paulo, presenteou o país com uma obra riquíssima, que transita entre jornalismo e literatura, apelidada de Os Sertões, a qual relata o acontecimento, mas descreve com detalhes os aspectos da terra e da vida do povo

1 Canudos: comunidade no interior da Bahia onde ocorreu a Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro. O confronto foi entre um movimento popular de cunho sócio-religioso e o Exército da República.

de Canudos.

A partir da década de 60 os jornalistas passaram a exigir uma maior liberdade para redigirem seus textos, uma liberdade estilística, que passasse para seus leitores aspectos impossíveis de alcançar com a técnica do texto jornalístico.

A década de 1960, de longe a mais interessante do século XX, foi uma vitrine de grandes acontecimentos, bons e ruins, de movimentos sociais e culturais, políticos, econômicos, e inovações tecnológicas. Nessa década, o feminismo ganhava corpo e as mulheres, que reivindicavam liberdade econômica e sexual como nunca antes, ganharam, no mundo ocidental, alguns aliados, como a pílula, a minissaia e o biquíni. Foi o tempo de grandes manifestações sociais, dos movimentos pelos direitos civis, pela igualdade dos negros nos Estados Unidos, como o Black Power, Black Panther Party e personagens como Martin Luther King e Malcom X, que colocaram os negros em evidência em sua luta pela igualdade. (COUTO, 2017, p. 1.150)

Foi neste momento de grandes mudanças e lutas que jornalistas de grandes jornais passaram a reivindicar uma maior liberdade textual em suas matérias. Como não conseguiram espaço nos veículos que já escreviam, começaram a buscar refúgio em outros locais, como as revistas The New Yorker e Esquire.

Um dos melhores escritores dessa época foi Gay Talese, um dos melhores jornalistas que o mundo já viu, e um dos mais ativos escritores dessa modalidade, autor da obra Fama e Anonimato2, cujo prefácio diz:

O Novo Jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passível de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ao assumir o papel de um observador neutro, como os outros preferem, inclusive eu próprio. (apud COUTO, 2017, p. 1.158)

O livro-reportagem transforma o fato em história. De acordo com Rildo Cosson3 (2002, p.58), “O jornalismo é o império dos fatos, e a literatura é o jardim da imaginação”.

Era uma vez um tipo espevitado, ousado e efêmero. Em contrapartida,

2 Fama e Anonimato: Livro-reportagem escrito no início da década de 60, por Gay Talese. Na obra o escritor descreve a vida real pelas ruas de Nova York.

3 Mestre em Teoria da Literatura, doutor em Letras e pós-doutorado em Educação.

havia um outro gênero, clássico, antigo, criador dos mais diversos personagens e situações, imortalizado pela nostalgia. Entre conflitos, trocas e simbioses, o jornalismo e a literatura sempre marcaram a disputa pela palavra e as diferenciações quanto ao ato de narrar. Ficção e realidade, ora próximas, ora distantes, tornaram-se o foco do enredo desta história de eterno romance, entre o império dos fatos e o jardim da imaginação. (apud NATIVIDADE, 2006, p. 1)

No Brasil, o jornalismo brasileiro começou a ganhar uma nova forma e publicar as reportagens em forma de livros no início da década de 70. O primeiro nome dado a essas obras foi romance-reportagem, pois traziam histórias, ora de amor ora de outras temáticas, que inicialmente eram acontecimentos reais.

Houve a quebra do estilo padronizado, seco e regrado dos jornais e uma migração ao fictício, o jornalista-escritor passa a recorrer aos elementos literários e a dar enredo aos fatos cotidianos.

O holocausto, a tragédia na boate Kiss, a bomba atômica de Hiroshima, o caso Richthofen, a morte de Isabella Nardoni e vários outros crimes contra a humanidade, são temas de alguns livro-reportagens. O retrato das minorias e das lutas por direitos iguais também são descritos nesta modalidade. O que torna o papel deste gênero jornalístico, um tanto interessante perante o papel social que desempenha.

## O livro-reportagem, a maternidade solo e o conceito social de família

O livro-reportagem representa uma forma poética de falar do que a sociedade precisa saber, daquilo que geralmente não é discutido por todos ou de algum assunto que tenha sido deixado de lado. É uma forma de apurar os fatos, apresentar teorias e opinar diante de tantos acontecimentos. Ele é uma alternativa de atingir o leitor de uma forma diferente, tocando em um lado que o induz a prestar mais atenção ao fato narrado, que o instiga a formular uma opinião e talvez até se tornar um admirador pelo tema narrado.

Com essa capacidade, o livro-reportagem tem potencial de ser a ferramenta ideal para trabalhar a pauta da maternidade solo e abrigar com muito zelo histórias de vida dessas mulheres. É o material jornalístico ideal para eternizar a ideia que deve ser carimbada na sociedade. E assim, com todo estudo e registro acadêmico retratado a partir desta linha, inicia-se a construção do livro reportagem: Oito “Entre Vistas” sobre a maternidade solo na sociedade brasileira pós-moderna.

Mulheres que são mães, mas não estão inseridas em uma relação conjugal compõem uma numerosa realidade no Brasil, seja por meio de uma maternidade voluntária e planejada como a adoção unilateral ou por técnicas reprodutivas, seja por questões socioculturais como o abandono ou a omissão paterna. O termo “mães solteiras”, como eram conhecidas as mães solo, carrega o forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX, em que a mulher – sobretudo a mulher casada – possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido (BORGES, 2020).

E neste mesmo contexto e realidade, o casamento era tido como a única possibilidade de constituição de família, o que mudou também judicialmente. Alterações legislativas a exemplo do Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4.121/1962), Emenda Constitucional do Divórcio (EC 9/77) e a Lei do Divórcio (Lei 6.515/77), Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e o Código Civil de 2002, foram essenciais não apenas para a emancipação feminina em todos os seus aspectos, como também para o alargamento do conceito de família, sobretudo na forma de sua constituição, para além do relacionamento conjugal. (CITAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO)

Vale dizer que o reconhecimento das famílias monoparentais pela Constituição Federal de 1988 é um marco para as famílias formadas por uma pessoa e seus descendentes, posto que exclui a necessidade de relação conjugal para sua existência, inaugurando uma nova forma de constituição de família. Por sua vez, princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da igualdade e a própria proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil também insculpidos na Constituição Federal de 1988 – e reiterados pela Consolidação das Leis do Trabalho – proporcionam questionamentos em relação à subsistência das mães solo. Como então criar filhos(as) de forma solitária sem igualdade de oportunidades no âmbito do trabalho? (BORGES, 2020).

Pegando por base os questionamentos de Lize Borges, entramos o conceito social estabelecido para a palavra família. É necessário abordar a visão social que a maioria das pessoas tem com relação à família tradicional para entender as problemáticas que a ausência paterna acarreta não apenas na vida do filho em questão, mas também n ocupação social da mulher e na descrição da família que deveria ali existir.

A família, diante de diversas transformações, passa a ser reconhecida como um

fenômeno global e complexo. As transformações levaram a mudanças na família que deixou de ser um modelo tradicional prevalente, aparecendo novas formas de organização familiar (DIAS, 2000).

Para Saraceno e Naldini (2003), a instituição família não foi eliminada com o tempo, mas, ao contrário, foi a que mais resistiu, sofrendo alterações nas suas composições e funções, variando nas relações, com diferentes organizações e tendo como reflexo a saída da mulher para o mercado de trabalho, passando a ter recompensa financeira. Essas mudanças foram conciliadas aos aspectos da industrialização e urbanização tendo a família que adaptar a essas alterações.

Nesse sentido, Leandro (2001) considera que foram os fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos que contribuíram para as alterações na estrutura e dinâmica familiar. Estes fatores tiveram implicações na organização, nas funções, nas relações, na complexidade e globalidade ao longo do desenvolvimento familiar, refletindo a evolução da época social, vivenciando estados diferentes. Dias (2011, p. 142) comenta a respeito das profundas mudanças na família:

Ao longo do tempo modificou profundamente a estrutura, a dinâmica da família na sua organização interna, como por exemplo: diminuição do número médio de filhos, diminuição da fecundidade, aumento do número de pessoas sós, diminuição das famílias numerosas, aumento das famílias recompostas, em virtude do aumento do número de divórcios, aumento das uniões de fato e uniões livres, e, mais recentemente, o aparecimento das famílias homossexuais.

Giddens, (2012) e Amaro, (2006) afirmam que diferentes tipos de família são entidades que possuem uma identidade própria, que podem ser formadas e unidas por laços sanguíneos, por afetos ou interesses que convivam por um determinado espaço de tempo e que criam uma história de vida que seja única e não copiável. Os autores relacionam os diferentes tipos de família: a família nuclear, constituída por dois adultos de sexo diferente e os respetivos filhos biológicos ou adotados; as uniões de fato, partindo de uma realidade semelhante ao casamento, no entanto não implica a existência de qualquer contrato escrito; as uniões livres, quando não existe a ideia de formar família com contratos; as famílias recompostas, constituídas por laços conjugais após o divórcio ou separações; a família monoparental, composta pela mãe ou pelo pai e os filhos, fruto de divórcio, viuvez ou da própria opção dos pais, mães solteiras, adoção por parte das mulheres ou dos homens sós, ou recurso a técnicas de reprodução; por fim, as famílias homossexuais, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos.

Durante muito tempo o termo utilizado para as mulheres com filhos(as) que não estavam inseridas em um relacionamento conjugal era “mãe solteira”, posto que para a sociedade a conjugalidade era um fator essencial para que as mulheres pudessem se tornar mães. O estado civil atrelado ao termo revela que a mulher casada goza de determinado status social não atribuído à mulher solteira, tampouco à mãe que não está inserida em um relacionamento conjugal, como se o casamento por si só fizesse- a atingir um melhor nível social. Nesse sentido, esclarece Simone de Beauvoir:

A mulher casada é autorizada a viver a expensas do marido; demais, adquire uma dignidade social muito superior à da celibatária. Os costumes estão longe de outorgar a esta possibilidades sexuais idênticas às do homem celibatário; a maternidade, em particular, é-lhe, por assim dizer, proibida, sendo a mãe solteira objeto de escândalo. Grifos Nossos (BEAUVOIR, pág. 176, 1970).

Como sabido o Brasil possui forte influência da Igreja Católica, que reconhecia o casamento como a única forma de constituição de família, não admitindo o desfazimento do vínculo matrimonial, senão pela morte. Quando a mulher não estava subordinada ao pai ou aos irmãos quando solteira, estava ao marido quando casada, pois mesmo com o status social que o matrimônio proporcionava, o papel da mulher na sociedade conjugal ainda era de submissão (BORGES, 2020).

Conforme mencionado e como o próprio nome sugere, mãe solo é aquela que exerce a maternidade sem auxílio do pai. Assim, se preferir você também pode usar a expressão mãe autônoma, já que ela tem o mesmo sentido.

É muito importante contribuir para que o termo ‘’mãe solteira’’ fique cada vez mais em desuso. Como visto, ‘’mãe solteira’’ não abraça exatamente a realidade da maternidade e pode causar interpretações equivocadas. Afinal, existem mães em relacionamentos heteroafetivos que cuidam sozinhas dos filhos.

## A maternidade solo e os direitos das mulheres

O termo ‘’mãe solteira’’ tem conotação negativa, já que surgiu quando as mulheres tinham menos direitos do que atualmente. Isto é, no passado mulheres que não fossem casadas no papel eram muito mais julgadas do que nos dias de hoje.

Inclusive, muitas decisões sobre a vida delas só poderiam ser tomadas legalmente com autorização do marido. Por exemplo, até 1962 as mulheres precisavamde autorização do marido para trabalhar fora, conforme o [Código Civil de](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-norma-pl.html) [1916](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-norma-pl.html).

Diante de um contexto em que os maridos tinham tanto poder sobre as esposas, ser mãe fora do casamento era considerado transgressor. Logo, apesar de a expressão mãe solo ser atual, essa realidade já é antiga e exige atenção das pessoas.

Você já entendeu que a maternidade solo é uma realidade antiga. Atualmente, existem mais de 11 milhões de mulheres no Brasil que são mães autônomas, segundo o [IBGE](https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2021/08/03/o-assunto-508-maes-solo-a-realidade-no-brasil.ghtml). Algumas vezes isso ocorre por decisão própria, como mulheres que usam doadores para engravidar e pretendem manter a criação sozinhas.

Apesar disso, estas e as demais que são negligenciadas pelos pais dos filhos costumam sofrer inúmeros desafios sociais e financeiros. Isso porque, quando a decisão não é voluntária, é possível que as mães precisem lidar com dupla ou tripla jornada. É o caso do trabalho, cuidados com os filhos e os domésticos.

## A maternidade solo e o aumento dos riscos de doenças físicas e psicoemocionais

Lidar com todas essas responsabilidades sem a colaboração do pai é exaustivo. Afinal, biologicamente o cérebro precisa de momentos de descanso e lazer para conseguir se manter sã. Caso contrário, ela produz constantemente hormônios associados ao estresse, na intenção de manter o corpo ativo.

Este mecanismo do organismo possibilita que as mães fiquem mais alerta. Contudo, se não houver uma diminuição na produção dessas substâncias, o corpo passa a se desequilibrar. Então, é possível que surjam problemas como síndrome de Burnout, transtornos de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e muitos outros.

Naturalmente, este desequilíbrio também afeta a saúde física. Por exemplo, o constante estado de alerta exige muito mais do sistema cardiovascular e da pressão arterial. Assim, ocorre um aumento nos riscos de doenças associadas a isso, como a hipertensão.

Considere também que a sobrecarga dificulta os cuidados com a saúde física. É o caso da alimentação saudável, prática de exercícios físicos, hidratação regular, visitas frequentes ao médico etc.

## A maternidade solo e a dificuldades no mercado de trabalho

Assim como existem mulheres exaustas com o trabalho somado a maternidade, muitas se sobrecarregam com problemas financeiros por não conseguir emprego. Afinal, pode ser difícil encontrar creche ou rede de apoio para ficar com o filho durante o expediente da mãe.

É o que mostram [dados](https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-03/criancas-que-mais-precisam-de-creches-ainda-tem-pouco-acesso#%3A~%3Atext%3DMuitas%20fam%C3%ADlias%20acabaram%20cancelando%20as%2C3%2C4%20milh%C3%B5es%20em%202021) da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (FMCSV). Segundo eles, entre as famílias pobres, apenas 24,4% das crianças de até 3 anos frequentam creche no Brasil. A situação piorou durante a pandemia da Covid-19, já que muitas creches fecharam.

Outro agravante para as dificuldades no mercado de trabalho é o preconceito com as mães na hora da contratação. Isso porque pode existir um pensamento cultural de que é dever delas ficarem em casa com os filhos. E ainda, muitos podem imaginar que por esse motivo, as mães não seriam tão produtivas no emprego.

Prova disso é que por muito tempo a licença-paternidade durava até 5 dias, enquanto a materna tem duração de 120 dias. Ou seja, o preconceito com as mães no mercado de trabalho dificulta a contratação delas e favorece a instabilidade financeira.

## A maternidade solo e exclusão em atividades culturais e de lazer

Como foi possível notar, mães solo podem não ter uma rede de apoio ou política, como creches para deixar os filhos. Isso é desafiante não apenas na busca de trabalho, mas também na participação de atividades culturais e de lazer. Afinal, muitos espaços não têm infraestrutura adequada para crianças.

É o caso da sala de amamentação, calçadas com rampa para carrinho de bebê etc. Tudo isso dificulta e inibe a convivência especialmente de uma mãe solo nesses ambientes. Foi o que aconteceu em um [bar paulistano](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/04/mae-solo-diz-que-foi-impedida-de-entrar-com-filho-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml), que impediu a entrada de uma mãe com o seu filho pequeno.

Em suma é importante citar que essa realidade não atinge mães solo de forma igualitária. Algumas podem sofrer ainda mais preconceitos e dificuldades. Isso porque outros problemas históricos, como racismo, também agravam o quadro. Isto é, segundo o [IBGE](http://jornalcobaia.com.br/reportagens/maes-solos-negras-enfrentam-maior-dificuldade-financeira/), 56,9% das mães solo vivem abaixo da linha de pobreza. Para as mães negras, a porcentagem sobe para 64,4%.

## DELINEAMENTO DO PRODUTO

## Formato

O livro-reportagem é composto por fonte Libre Baskerville, corpo 12 sobre 14.4

– Modelo ebook.

## Produto

Livro-reportagem ebook contendo 8 entrevistas com mulheres periféricas entre

23 e 45 anos que falam de suas experiências com a maternidade solo.

## Público-alvo

Estudantes de jornalismo e público em geral

## Viabilidade e veiculação

O livro estará disponível no acervo da biblioteca virtual da PUC-GOIÁS

## Orçamento

|  |
| --- |
| SERVIÇOS / VALORES |
| Revisão gramatical | R$ 350,00 |
| Diagramação | R$ | 000,00 |
| Edição | R$ | 000,00 |
| Transporte | R$ | 49,00 |
| Total: | R$ 399,00 |

## Linguagem e gêneros textuais

Transcrição de entrevistas

## Processos de criação e edição dos materiais

O livro-reportagem foi realizado por uma pessoa com deficiência visual que precisou ir além de seus limites físicos e psicoemocionais para se ajustar às normas de uma grade didática-curricular que se revelou não estar preocupada com à acessibilidade em suas exigências finamente elaboradas para pessoas que não têm

deficiência alguma. Entretanto, não é a pessoa com deficiência que deve se ajustar à normas didáticas-curriculares das instituições e ABNT, são elas que devem se ajustar às necessidades especificas de PCDs.

## Design

Ebook com diagramação no formato visual de livro. Paginação e capa em preto e branco

## Diário de Produção

Para a produzir o livro-reportagem foi necessário a dedicação de cerca de uma hora e meia em média para cada entrevista e de dois a três dias para a produção dos textos brutos, visto que várias reescritas foram necessárias de cada material e o tempo gasto entre uma e outra nem sempre era o mesmo. As pesquisas, a produção teórica, a diagramação e as orientações aconteceram num período de 1 ano entre dias úteis e finais de semana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com a sensação de dever cumprido que chego ao fim deste trabalho, mas, também, muito reflexiva acerca do tema e dos rumos que nós, enquanto jornalistas, adotaremos em relação a realidade das mães solo enquanto membros participativos da sociedade, não apenas como cidadãs que lutam por equidade social e igualdade de direitos, mas como pessoas indistintamente de gênero que podem e devem colaborar na construção das leis que as protegem e garentem os seus direitos.

Termino este trabalho convicta de que o jornalismo pode e deve contribuir para desromantização do ser mulher enquanto mãe, pois em cada relato há uma oportunidade de nos tonarmos um pouco mais humanos. Porque o jornalismo é um instrumento capaz de oferecer vez e voz para as pessoas e fazer com que elas sejam protagonistas de suas próprias existências, tomando para si os debates da própria vida e condicionando o fazer jornalístico, que tem sido tão questionado nos últimos tempos, a um fazer mais humano, diverso e afirmativo.

Espero, com humildade, que meu trabalho tenha sido de utilidade públicae tenha conseguido jogar luz em um tema tão cotidiano, porém, tão negligenciado. Quis, ao máximo, responder às inquietudes que me levaram a escrever este livro e alcançar seus objetivos geral e específicos. Por último, mas não menos importante, desejo que outros estudantes que sejam pessoas com deficiência, na produção de seus futuros Trabalho de Conclusão de Curso, encontrem mais amparo, acessibilidade e inclusão que eu encontrei na minha jornada acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, Paula Melani & XAVIER, Cintia. **O LIVRO-REPORTAGEM E SUAS ESPECIFICIDADES NO CAMPO JORNALÍSTICO**. Revista Rumores USP, São

Paulo, número 14, volume 7, julho-dezembro de 2013.

NATIVIDADE, Priscila. **JORNALISMO LITERÁRIO: COMO O LIVRO- REPORTAGEM TRANSFORMA UM FATO EM HISTÓRIA.** Intercom – Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 06 a 09 de setembro.

BORGES, Lize. **MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO! CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERNIDADE, CONJUGALIDADE E SOBRECARGA FEMININA.** Revista Direito e

Sexualidade n. 1, maio de 2020.

DIAS, Fernando Nogueira. ***Sociologia e toxicodependência***. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

DIAS, Maria Olívia. ***Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica:* O processo de comunicação no sistema familiar.** 2011. Trabalho apresentado ao Encontro a Família um Sistema Dinâmico, Mangualde, 2011.

SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. ***Sociologia da família****.* Lisboa: Editorial Estampa, 2003

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, 1. Fatos e Mito.** Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1970, p. 176

INSTITUTO DARA. **A Realidade da Mãe Solo.** 2021. Disponível em: [https://dara.org.br/a-realidade-da-mae-sol](https://dara.org.br/a-realidade-da-mae-solo/)